

O CORPO QUE PERMEIA A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Otoniel Alvaro da Silva
Mestrando em Educação – UFPR (otonielbiol@gmail.com)

Odisséa Boaventura de Oliveira
Profª. do PPGE – UFPR (odissea@terra.com.br)

Resumo

Fazemos uma articulação entre o ensino de ciências e biologia e a educação sexual, na tentativa de apontar os subsídios que estas disciplinas curriculares têm oferecido como suporte para que o estudante construa sua identidade sexual. Para isso desenvolvemos um estudo das publicações que abordam esta temática, o Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), realizado nos anos 2001, 2003, 2005 e 2007, e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), com o objetivo de identificar o que é significativo nesses documentos oficiais e o que os pesquisadores da área têm apontado a respeito da Educação Sexual e do ensino sobre o corpo. Nossa análise revela que as práticas satisfatórias de educação sexual não estão inseridas no currículo escolar. Há um distanciamento entre o que se ensina sobre o corpo e o que é proposto nos PCN's.

Palavras-chave: Corpo – Educação Sexual – Identidade – Sexualidade

Abstract

We make a connection between science education and biology and sex education, trying to point out the benefits that these curricular subjects are offered as support for the student to construct their sexual identity. We develop a study of publications dealing with this issue, the National Meeting of Research in Science Education (ENPEC) conducted in the years 2001, 2003, 2005 and 2007, and the National Curricular Parameters (NCP's), with the aim of identifying which is significant in these official documents and what the scientists have pointed out about the sexual education and teaching about the body. Our analysis shows that the satisfactory practice of sex education are not included in the curriculum. There is a gap between what is taught about the body and what is proposed in the NCP's.

Key words: Body - Sexual Education- Identity – Sexuality

Partimos do princípio de que exista a necessidade de estabelecer mecanismos educacionais que dêem conta da problemática sexual no ensino fundamental e médio. A importância em ampliar as discussões sobre essa temática aflora e se intensifica em meados dos anos 80 com as preocupações em torno do aumento da gravidez na adolescência e os riscos das contaminações com o HIV entre adolescentes. Portanto, trata-se de apresentar a educação sexual no ambiente escolar atrelado a um contexto de mudanças sociais e culturais.

No entanto, (FOUCAULT, 1977) alerta que os aparelhos educacionais enquanto espaço de transmissão do conhecimento, ao abordar a temática sexual o fazem, em geral, somente no âmbito biológico, demonstrando uma ineficácia para responder às inquietações das crianças e adolescentes.

Tomando essa idéia de Foucault cabe questionar então como a escola tem trabalhado atualmente as questões relacionadas à sexualidade, uma vez que está contribuindo para um processo de construção de identidade sexual do adolescente. Para Weeks (2000) a idéia de uma identidade sexual é uma idéia ambígua, pois a heterossexualidade em nosso contexto social é um pressuposto, enquanto a homossexualidade significa assumir uma posição específica em relação aos códigos sociais dominantes. Assim, a escolha pela identidade, pode ser muitas vezes uma opção política, visto que a sexualidade nunca é determinada ou permanente. Segundo Louro (2000, p. 12) “somos sujeitos de muitas identidades”; “... inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, conseqüentemente, de diferenciação”. (LOURO, 2000, p. 15).

Como estas identidades são construídas na cultura da escola? Como as questões de gênero e diversidade aparecem na sala de aula nos estudos que levam ao entendimento do corpo?

Procuramos nesse texto fazer uma articulação entre o ensino de ciências e biologia e a educação sexual na tentativa de apontar os subsídios que estas disciplinas curriculares têm oferecido como suporte para que o estudante construa sua identidade sexual.

Para isso desenvolvemos um estudo das publicações que abordam esta temática e dos Parâmetros Curriculares Nacionais, com o objetivo de identificar o que é significativo nesses documentos oficiais e o que os pesquisadores da área têm apontado a respeito da Educação Sexual e do ensino sobre o corpo.

Estudos Sobre Educação Sexual

Realizamos um estudo nas atas do principal evento da área em que se tem maior concentração de trabalho apresentados sobre educação sexual. Trata-se do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), realizado nos anos 2001, 2003, 2005 e 2007. Foram encontrados 20 trabalhos nesse período, havendo predominância desta temática no ano de 2005. Focamos nos textos seus objetivos e resultados buscando entender o discurso manifestado nessas publicações. Encontramos as seguintes perspectivas: trabalhos abordando a educação sexual como uma questão de abrangência de conhecimentos, alguns que destacam a perspectiva metodológica, outros que apontam a importância informativa e alguns que enfatizam as questões culturais que permeiam a educação sexual. A seguir uma breve apresentação dessas abordagens.

Educação sexual: uma questão de abrangência de conhecimentos: pesquisas que julgam que Educação sexual deveria se dar numa perspectiva mais abrangente que a biológica.

Andrade, Forastieri e El-Hani (2001), estudando livros didáticos de biologia observaram que a educação sexual se restringiu ao aspecto reprodutivo da sexualidade humana, reduzindo-se à abordagem da anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor e da fecundação. Nenhum dos livros discutiu as interações do contexto social, não favorecendo a interdisciplinaridade, defendida na apresentação dos próprios livros, em sua maioria. Portanto, segundo os autores, nota-se que não ocorreu evolução na maneira como a sexualidade tem sido tratada nos livros didáticos do ensino médio.

Maistro e Lorencini Junior (2005) tiveram como estudo e principal objetivo identificar os limites dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), no que se refere ao desenvolvimento de projetos sobre o tema transversal Sexualidade em duas escolas do ensino fundamental da rede pública municipal do Estado do Paraná. Os resultados obtidos consideram que os projetos desenvolvidos esbarram nas resistências dos professores para o enfrentamento da multidimensionalidade da temática. Os professores consideram os conteúdos de Biologia e Ciências suficientes para que os alunos compreendam a sexualidade, caracterizando assim, uma visão reducionista e biologistica do sexo. Enfocando apenas o corpo biológico, não abarcam as ansiedades e curiosidades das crianças e não incluem as dimensões culturais, afetivas e sociais. Os autores consideram que a transversalidade do tema

Sexualidade, proposta pelos PCNs não corresponde às representações dos educadores entrevistados.

Silva e Neto (2005) investigaram as produções na pós-graduação sobre formação de professores/educadores para o trabalho com educação sexual nos vários níveis escolares, com objetivo de conhecer e apontar as principais tendências dessa produção. Os autores apontam como resultados a necessidade de melhorar a formação dos professores e educadores para o trabalho com o tema, dada a necessidade de maior abrangência que a biológica, geralmente enfocada pelos professores de ciências.

Educação sexual: uma questão metodológica: estudos que julgam que recursos, atividades ou linguagens diferenciadas proporcionam melhorias na abordagem da educação sexual.

Matos e Freitas (2005) elaboraram oficinas pedagógicas que se constituiu em formas alternativas àquelas do currículo escolar e a possibilidade da construção de espaços para o exercício de uma postura crítica em relação aos discursos que produzem significados acerca do corpo. As autoras apontam em seus resultados a participação de todos os envolvidos nas discussões, a demora na execução de algumas atividades e o desconhecimento sobre alguns temas como bulimia, anorexia, entre outros.

Abreu, Villaça e Oliveira (2005) propuseram a integração entre o conteúdo científico, realidade dos alunos e o dia a dia da sala de aula, através de um mini curso que visava a preparação de licenciandas do curso de Pedagogia em tratar sobre a construção da corporeidade dos alunos da Educação Infantil. Os resultados apontam que a proposta ampliou a expressão, comunicação e interação das crianças entre 5 e 6 anos de idade, sem discriminações, garantindo os cuidados essenciais ao desenvolvimento da identidade nessa faixa etária.

Mano, Gouveia e Schall (2007) analisaram o multimídia Amor e Sexo: mitos, verdades e fantasias, com o objetivo de favorecer o diálogo e a facilidade de expressão de idéias e das diversas formas de tratar da temática sexualidade em ambientes e situações de ensino. Segundo os autores a avaliação pelos jovens e profissionais permitiu identificá-lo como recurso informativo/educativo, cuja dinâmica e interatividade favorece o diálogo e facilita a expressão de idéias pouco compartilhadas, auxiliando a abordagem sobre sexualidade em diferentes ambientes e situações de ensino.

Bardi e Campos (2005) objetivaram a verificação de como professores das séries iniciais do ensino fundamental abordam temas relacionados à orientação sexual.

Constataram que 76% dos professores afirmam trabalhar o tema sexualidade e que o principal tópico abordado nas aulas é “higiene e saúde” (95%), seguido de “corpo” e “diferenças entre os sexos”, e que durante as aulas a maioria dos professores utiliza desenhos na lousa (60%) ou materiais impressos (69%); apenas 20% utilizam materiais lúdicos. Segundo os levantamentos a principal dificuldade apontada para o desenvolvimento da orientação sexual é a falta de material didático adequado.

Bertoi, Farias e Silva (2005), analisam que mesmo com a transversalidade incluída nos PCN's e na nova Lei de Diretrizes e Bases, ainda são encontradas dificuldades na abordagem de temas como as doenças sexualmente transmissíveis (DST's) e drogas. Para tanto, utilizaram-se do emprego de oficinas lúdico-pedagógicas na formação de professores, visando contribuir para a prevenção de DST's e para o uso de drogas pelos jovens. Para todos os grupos, houve um aumento significativo de conhecimentos após as oficinas. Com este estudo foi possível verificar a eficiência das oficinas lúdico-pedagógicas e a necessidade de sua inserção na formação de professores.

Barcelos, Moraes, Rosenburg et al (2007), objetivando conciliar o cotidiano da educação dos adolescentes, e as possibilidades e necessidades de implementação do Programa de Educação Afetivo Sexual (SEE-MG), composto por profissionais e acadêmicos de Ciências Biológicas e Psicologia, professores e alunos da escola elaboraram e desenvolveram em conjunto, o Projeto Adolescência, Saúde e Sexualidade: pontes nas inter-relações. Segundo os autores o maior triunfo foi a construção conjunta do Projeto como parceria curricular entre Licenciatura e Escola, respeitando e conciliando autonomia e demanda de ambas instituições.

Educação sexual e a relevância informativa: pesquisas que destacam a importância das informações para se ter medidas preventivas e valorativas em relação à sexualidade.

Garcia e Abreu (2003) pesquisam o ambiente escolar, o papel do professor e da escola na orientação sexual e ainda, como a família percebe a participação da escola na construção da sexualidade de seus filhos. O estudo foi realizado por meio de entrevistas aplicadas aos docentes, discentes e genitores de alunos. Os autores destacam os seguintes resultados: a escolha do ambiente escolar pelos docentes, apontado como local adequado para discussões e aproximações da realidade familiar acerca da sexualidade. Também os alunos reconheceram o ambiente escolar como propício para se discutir a realidade sentida por eles, a de criar uma referência própria da sua sexualidade; além disso, salientaram que a abordagem de temas ligada à sexualidade, possibilitaria alertá-

los para a prevenção das DSTs, AIDS, drogas e gravidez precoce. Os genitores também tiveram a mesma percepção dos docentes e alunos e ainda completaram que os elementos apresentados pelo programa proporcionaram a todos uma reflexão sobre seus valores sexuais e sociais.

Bruschi e Klein (2003) tratam desta temática promovendo um espaço para conhecer as dúvidas que os adolescentes têm sobre a sexualidade. Apontam em seus resultados que os fatores que podem levar os adolescentes à adoção de comportamento de risco são: influência do namorado, confiança no parceiro, impulso, pressa de imprevisibilidade do ato sexual, o que incrementa uma intervenção no sentido de orientar e satisfazer as dúvidas nesta fase da vida do adolescente. Apontam ainda que a formação integral do indivíduo exige a intervenção intencional e sistemática do professor, cabendo-lhe a função de passar as informações cognitivas que podem levar a inúmeros comentários sobre os fatos acontecidos na escola e fora dela, possibilitando a alunos e professor uma melhor compreensão sobre a sexualidade humana e o respeito à escolha de cada pessoa.

Educação sexual uma questão cultural: pesquisas que trazem aspectos de natureza sócio-cultural como: preconceito, corporeidade, padrões tomados como modelo.

Frota (2005) explica que as questões de gênero, preconceitos contra a mulher em função do sexo, são constatadas em conversas informais de estudantes do curso de Física da UFPI. O levantamento destes indicadores em sua pesquisa culminou em denúncias. O autor aponta que tanto as egressas do curso quanto as atuais alunas, afirmaram que a escolha do curso de Física foi racional, uma vez que possuíam afinidades com a área de cálculos. Algumas foram incentivadas por professores e colegas, pois demonstravam habilidades matemáticas desde a adolescência. Quanto à existência de discriminação no ambiente do curso, afirmaram taxativamente que sim. Muitas vezes descreveram momentos em que sofreram discriminação por parte de professores, colegas e por pessoas ligadas ao mercado de trabalho, extra universidade.

Silva e Rosa (2005) tinham por objetivo analisar como a sexualidade marca as relações pessoais e como isso interfere no currículo de formação de professores. As autoras apontam que precisamos prestar atenção àquilo que acontece cotidianamente nas escolas e fora delas, olhar para as estratégias que visam manter a naturalidade das coisas e conseqüentemente garantir a posição de centro, e que é preciso perceber que há algo mais que foge dos olhos e do controle e vai ao

encontro das experiências de vida, especialmente quando se trata da vida de professores.

Silva, Siqueira e Rocha (2003) apresentam, a partir de uma análise etnográfica, os significados construídos por docentes do curso de nível médio de formação de professores a respeito do papel da escola e do docente na abordagem de questões de sexualidade, gênero e gravidez na adolescência. Os autores observaram que tanto as práticas quanto os discursos dos/as professores e diretora da escola estão permeados por indagações, comentários e avaliações sobre questões contempladas nos documentos oficiais. Entretanto, a educação sexual é significada como um “apêndice curricular”, algo externo ao “currículo verdadeiro”, que por determinações das políticas educacionais precisa ser contemplada. Neste estudo destacaram-se discursos que responsabilizam principalmente a família e o Estado em relação à educação sexual e à prevenção da gravidez na adolescência. O distanciamento entre a escola e o “mundo dos jovens” ficou evidente, à medida que os/as professores/as de forma geral se constroem e projetam suas ações educativas em relação ao que significam como *externo e diferente* dos “padrões escolares”:

Silva, Soares e Ribeiro (2005), preocuparam-se em problematizar as múltiplas inscrições nos corpos, tomando como referência as narrativas das mulheres que integram a Associação Movimento Solidário Colméia na cidade de Rio Grande -RS, as quais estão em processo de escolarização. Através da análise das narrativas das mulheres os autores puderam perceber que estas desconhecem seus corpos e de seus companheiros e que esse desconhecimento pode dificultar ou impossibilitar a prevenção e tratamento de doenças. Ficou evidente, também, que o culto ao corpo não se restringe aos marcadores sociais (classe, gênero, raça, etnia, sexualidade, etc.), uma vez que todas desejam o corpo “idealizado”, que circula nos meios de comunicação de massa, principalmente na televisão, a qual exerce muita influência na vida das mulheres pesquisadas.

Apresentamos a seguir alguns estudos sobre o corpo no ensino de ciências e biologia, baseando-nos em autores que tem se dedicado a discutir essa questão.

Estudos sobre o corpo

Os autores lidos (Trivelato, 2005; Macedo, 2005; Silva, 2005) destacam que de uma maneira geral as abordagens sobre o corpo parecem sempre partir do macro para o

micro. A cada série, o corpo toma dimensões menores e os estudantes passam os seus anos de estudos “esquartejando” o corpo.

Nas séries iniciais ele entra dividido em cabeça, tronco e membros... mais adiante, o lugar do corpo humano é o lugar dos sistemas, em que cabe apenas um sistema por vez... no ensino médio, o corpo humano se “espreme” nas células e se estudam as funções celulares e moleculares... (TRIVELATO, 2005, p. 122)

Mas como explicar essa abordagem fragmentada do corpo humano que persiste até os dias de hoje? Seria o tratamento dado pelas ciências que influenciou a fragmentação do corpo?

Para Trivelato (2005) o conhecimento anatômico da escola hipocrática (século IV a.C.) era rudimentar. Não havia neste momento informações suficientes sobre os órgãos internos e suas respectivas funções. Podem ser um indicio da persistência das famosas “decorebas” dos nomes de ossos do corpo humano no ensino fundamental.

Ainda, segundo essa autora, os chineses tinham a concepção do universo inteiro como um grande organismo, porém estes conhecimentos não foram incorporados pela civilização ocidental. Foi no Renascimento, com a obra de Vesálio de 1543, *A organização do corpo humano*, que se reuniram os conhecimentos sobre ossos, músculos, sistema nervoso, etc, a qual apresenta o corpo fragmentado. Outros estudiosos foram acrescentando seus estudos e fragmentando cada vez mais o corpo humano.

O conhecimento produzido pelas ciências se reflete no currículo da escola, portanto seria ingenuidade pensar numa abordagem diferenciada desta fragmentação. Porque a escola persiste na abordagem desarticulada dos órgãos, sistemas, tecidos, etc?

Podemos pensar que os livros didáticos contribuem com esta desarticulação, pois apresentam os conteúdos dissociados. São capítulos, esquemas, imagens, figuras e até indicativos de documentários que influenciam professores a reproduzir os conhecimentos neste formato. Um exemplo citado por Trivelato (2005, p.124) é a do sistema respiratório.

Os órgãos do sistema e os movimentos respiratórios são apresentados e a ventilação dos pulmões é seguida pela diferenciação do ar que entra, rico em gás oxigênio, e do ar que sai dos pulmões, rico em gás carbônico. O sistema circulatório é apresentado como composto de vasos sanguíneos e coração. Explica-se o papel do coração no bombeamento do sangue, distinguindo as câmaras que recebem e

bombeiam o sangue arterial. Nesse caso, sempre mencionada a ligação com os pulmões, órgãos em que se dão as trocas gasosas que transformam o sangue venoso em arterial.

Silva (2005) também comenta a respeito da contribuição dos materiais didáticos:

Os materiais didáticos que circulam nos espaços das salas de aulas de ciências na educação básica apresentam imagens de um corpo fragmentado, em que a sua anatomia e fisiologia, também fragmentadas, são apresentadas de modo a estarem desconectadas de outras visões, ou, versões de corpo tais como: a idade, o (s) pertencimento(s) cultural (is), a expressão de desejo e sentimentos, a geração, a orientação sexual. (SILVA, 2005, p. 144)

Para Silva (2005), os agentes escolares não identificam ou não reconhecem seus próprios corpos no fazer educativo. Isso é observado pelo fato de serem produzidos assim, fragmentados, divididos e desconectados dos seus corpos e dos “espaços culturais” que ocupam. “Os processos de disciplinamento, desencadeamento, descorporificação dos sujeitos têm como finalidade a produção de certo tipo de sujeito humano” (SILVA, 2005, p. 144).

Portanto, os materiais didáticos são os principais construtores de disciplinamento, classificação e fragmentação dos conhecimentos no espaço escolar. Cabe aos professores a responsabilidade em criar possibilidades de construção, desconstrução ou ainda de (re) construção dos conhecimentos presentes nos currículos.

Para Trivelato (2005) a tentativa de articular o corpo humano, utilizando-se de analogias e comparações com outros seres vivos, pode contribuir ainda mais com as fragmentações o que talvez possibilite a perda da identidade deste corpo. As analogias são variadas, como destaca Macedo (2005, p. 134), “o corpo humano é como uma casa, subdividido em compartimentos que seriam os sistemas, que por sua vez, se subdividem em órgãos, e o esqueleto é a estrutura dessa casa”.

Segundo Macedo (2005) as comparações do corpo como máquinas e com outros objetos inanimados contribuem para que o corpo não só seja retirado de seus contextos culturais como até sua dimensão biológica é reduzida ao mecânico.

Parece-nos que cabe ao professor promover a superação destas concepções, de garantir uma re-significação dos conhecimentos escolares apresentando-os de forma menos fragmentada e mais associada. Portanto, este corpo dividido, didatizado sob forte influência reducionista, nos leva a acreditar que somente assim, ele pode ser colocado

dentro do currículo. Será que as mudanças curriculares poderiam contribuir para superação destas tradições?

Vejamos abaixo o que nos apontam os documentos curriculares.

O Corpo e a Sexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais a sexualidade é tratada como algo intrínseco à vida e à saúde, que se propaga no ser humano, do nascimento até a morte. Ressalta a importância do direito ao prazer e ao exercício da sexualidade de forma responsável, enfatizando as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. Também ressalta a importância da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/Aids e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras polêmicas presentes em nossa sociedade.

Segundo este documento cabe à escola desenvolver ação crítica, reflexiva. Pois, “praticamente todas as escolas trabalham o aparelho reprodutivo em Ciências Naturais. Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano”. (BRASIL, 1998, p. 292). Assim, esta abordagem fica centrada no corpo biológico, sem incluir a sexualidade em todas as suas dimensões. Mas quais os reais interesses e curiosidades de crianças e adolescentes acerca do corpo?

O documento ressalta os cuidados para com o corpo e a importância destes conhecimentos, principalmente no que se diz respeito aos abusos sexuais e submissão a outro. “Para a prevenção do abuso sexual com crianças e jovens, trata-se de favorecer a apropriação do corpo, promovendo a consciência de que seu corpo lhes pertence e só deve ser tocado por outro com seu consentimento ou por razões de saúde e higiene” (BRASIL, 1998, p. 293).

O documento preza também pelo prazer, considerado uma necessidade fundamental de todo ser humano, e que deve ser respeitada nas mais diversas dimensões, seja psíquica, biológica, sociocultural e as suas implicações políticas.

Essas dimensões são explicitadas no documento quando da abordagem da sexualidade na infância e na adolescência, mencionam a vivência de prazer no contato entre o filho e mãe, descaracterizando como uma experiência apenas biológica, mas sim que constituirá a memória psíquica da criança por toda a sua vida. É nessa “exploração do próprio corpo, na observação do corpo de outros, e a partir das relações familiares é

que a criança se descobre num corpo sexuado de menino ou menina” (BRASIL, 1998, p. 296). O documento preconiza também a garantia do atendimento individualizado, como exemplo “alunos portadores de algumas deficiências podem eventualmente ter dificuldades de comunicação e de expressão da sexualidade” (p. 300).

As manifestações da sexualidade infantil mais freqüentes acontecem na realização de carícias no próprio corpo, na curiosidade sobre o corpo do outro, nas brincadeiras com colegas, nas piadas e músicas jocosas que se referem ao sexo, nas perguntas ou ainda na imitação de gestos e atitudes típicos da manifestação da sexualidade adulta. (BRASIL, 1998, p. 300)

Essas manifestações estão presentes no espaço escolar, assim, é preciso que a escola tenha regras e limites pré-estabelecidos, para que os indivíduos compreendam suas responsabilidades e percebam as diferenças entre expressões que fazem parte de sua intimidade e privacidade e daquelas que são pertinentes ao convívio social. Segundo o documento, a “intervenção dos educadores nessas situações deve se dar de forma que aponte a inadequação de tal comportamento às normas do convívio escolar, não cabendo a eles condenar ou aprovar essas atitudes, mas sim contextualizá-las” (BRASIL, 1998, p.301). Portanto é de responsabilidade e competência da escola estabelecer as regras e limites do que pode ou não ocorrer dentro deste ambiente.

Ao tratar da “orientação sexual” como tema transversal, o documento tem dentre seus objetivos, que a escola deva se organizar para que os alunos, ao fim do ensino fundamental, sejam capazes de: conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde como condição necessária para usufruir prazer sexual; conhecer e adotar práticas de sexo protegido, desde o início do relacionamento sexual, evitando contrair ou transmitir doenças sexualmente transmissíveis, inclusive o vírus da Aids; evitar uma gravidez indesejada, procurando orientação e fazendo uso de métodos contraceptivos; consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade. (BRASIL, 1998, p. 311- 312).

Para tanto, o documento apresenta eixos norteadores ou blocos de conteúdos divididos em: Corpo: matriz da sexualidade; Relações de Gênero; Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids (BRASIL, 1998, p. 316).

De posse dos eixos básicos e das vivências dos estudantes, o documento demonstra a seleção de conteúdos tomando como base os seguintes critérios: relevância sociocultural, isto é, conteúdos que correspondam às questões apresentadas pela

sociedade no momento atual; consideração às dimensões biológica, psíquica e sociocultural da sexualidade, buscando contemplar uma visão ampla e não reducionista das questões que envolvem a sexualidade e o seu desenvolvimento no âmbito pessoal; possibilidade de conceber a sexualidade de forma prazerosa e responsável (BRASIL, 1998).

O documento sugere que para iniciar a abordagem do eixo Corpo: matriz da sexualidade deve-se ter em mente a distinção entre os conceitos de organismo e corpo. “O organismo refere-se ao aparato herdado e constitucional, à infra-estrutura biológica dos seres humanos. Já o conceito de corpo diz respeito às possibilidades de apropriação subjetiva de toda a experiência na interação com o meio. (BRASIL, 1998, p. 317). Segundo SOARES (2005, p.332) “organismo é parte de um corpo vivo, que executa uma função especial”, ou “conjunto dos órgãos que formam o corpo”.

O documento explicita a inter-relação entre sistemas e órgãos, nos permitindo identificar, a não fragmentação do corpo no ensino de ciências. Ainda nesta parte, abarca outras dimensões como ‘emoções, sentimentos, sensações de prazer e desprazer’, ou seja, dimensões psicológicas, sociais, para além da biológica. Possibilita assim, que os alunos conheçam e entendam o seu próprio corpo na construção de sua identidade pessoal, além de colaborar com o fortalecimento da auto-estima. “... isso implica construir noções, imagens, conceitos e valores a respeito do corpo em que esteja incluída a sexualidade como algo inerente, necessário e fonte de prazer na vida humana” (BRASIL, 1998, p.317).

Na disciplina Ciências Naturais, o PCN aponta que “ao ser abordado o corpo e sua anatomia interna e externa, é importante incluir o fato de que os sentimentos, as emoções e o pensamento se produzem a partir do corpo e se expressam nele, marcando-o, e constituindo o que é cada pessoa” (p. 318). O documento chama atenção nestas relações para que não ocorra a fragmentação dos conhecimentos acerca do corpo, “as dimensões físicas, emocionais, cognitivas e sensíveis, cada uma se expressando e interferindo na outra, necessita ser explicitada no estudo do corpo humano” (BRASIL, 1998, p.318).

Ressalta ainda para os cuidados na abordagem da puberdade e outros temas que permeiam esta fase da vida do aluno: “com o mesmo cuidado devem, necessariamente, ser abordados as transformações do corpo que ocorrem na puberdade, os mecanismos da concepção, gravidez e parto, assim como a existência de diferentes métodos contraceptivos e sua ação no corpo do homem e da mulher” (BRASIL, 1998, p. 318).

Chama-se aqui, a responsabilidade da formação do aluno a aspectos que farão parte de toda sua vida, portanto, o cuidado não somente consigo, mas com o outro. O documento ressalta, portanto, abordagens referentes à saúde sexual reprodutiva, menarca, métodos contraceptivos, crenças, tabus, “ficar”, namoro, entre outros, e as implicações na vida presente e futura do aluno.

Falar sobre o corpo, com seu potencial para usufruir o prazer e suas potencialidades reprodutivas, implica também a discussão das expectativas, das ansiedades, medos e fantasias, relacionados à relação sexual, à “primeira vez”, ao desempenho e às dificuldades que podem surgir como manifestações associadas à impotência, frigidez, ejaculação precoce e outras possíveis disfunções. (BRASIL, 1998, p. 320)

Para finalizar, como consta no documento: “O corpo, como sede do ser, é uma fonte inesgotável de questões e debates, que vão muito além do que é habitual incluir nos estudos da sua anatomia e fisiologia” (BRASIL, 1998, p. 321).

Frase que resume as responsabilidades e preocupações que foram destacadas e apontadas ao longo deste estudo.

Algumas considerações

Em nossa análise observamos que estranhamente, a maioria dos trabalhos apresentados no ENPEC remete seu discurso para as perspectivas metodológicas como o principal mecanismo de melhoria e adequação no trabalho com a educação sexual. Também não apresentaram nenhuma proposição que possa realmente efetivar a educação Sexual no âmbito da sala de aula. Conforme destacamos, algumas experiências positivas se deram fora do currículo, em contextos de oficinas ou mini-cursos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) a escola não poderá se limitar ao contexto biológico disciplinar, mas deverá envolver a comunidade escolar num processo de transversalidade/ interdisciplinaridade, no qual os integrantes da escola devem participar e, conseqüentemente, possibilitando a compreensão do corpo e da temática Educação Sexual, para além do aspecto biológico, pensada também no cultural, marcado pelo prazer, pelo desejo, pelo eu, pelo outro.

No entanto, as aulas de ciências e biologia, segundo os autores citados, apresentam um corpo “em compartimentos” conforme aparece nos manuais didáticos

não estabelecendo relações com aspectos culturais, sociais ou abordando questões relacionadas aos gêneros, à diversidade, às escolhas sexuais. Ao contrário, o corpo é tratado de um modo descontextualizado, mecanizado o que não possibilita ao aluno o reconhecimento de seu próprio corpo naquele estudo.

De um modo geral, os discursos que permeiam os textos analisados colocam o professor a frente das novas formas de abordagens, de linguagens que extrapolam o biológico, que percebe o ser humano em sua integração, corpo, valores, emoções, sentimentos, entre outros, bem como ao conjunto de todas as informações relativas à prevenção e sua eficiência no cotidiano do aluno, respeitando a diversidade sócio-cultural, as diferenças de gênero e da compreensão de aspectos de natureza sócio-cultural para sua compreensão como o preconceito, a corporeidade, os padrões tomados como modelo.

Assim, ao que parece para a efetividade da Educação Sexual no espaço escolar, há necessidade de despertar nos professores um entendimento global sobre o corpo e conseqüentemente o entendimento da sexualidade. Ou seja, trata-se da dependência de ações individuais, já que, como sabemos, por um lado a formação inicial desses profissionais não contempla tal concepção integradora, por outro há um documento curricular que aponta tal direção, no entanto os materiais didáticos apresentam uma visão fragmentada do corpo e biologizada/preventiva da sexualidade. Fatores que competem para promover nos alunos um distanciamento da possibilidade de refletirem a respeito da sexualidade, que longe de ser um “domínio da natureza” é considerada aqui como um “fato social” enquanto condutas, como fundadora da identidade e como domínio a ser explorado cientificamente.

Dar conta desta nova responsabilidade requer outros conhecimentos, requer conceber que a identidade é sempre uma relação dependente da identidade do outro. Não existe identidade sem significação, assim como não existe identidade sem poder. No entanto, esta percepção pelo que percebemos está ainda muito distante de chegar os bancos escolares.

Referências

- ABREU, M. A. F.; VILLAÇA, J. S.; OLIVEIRA, R. R.; **O ensino de ciências a partir da realidade dos alunos: a corporeidade e sua representação na prática pedagógica.** Anais V ENPEC, 2005.
- ANDRADE, C. P.; FORASTIERI, V.; EL-HANI, C. N.; **Como os Livros Didáticos de Ciências e Biologia abordam a questão da Orientação Sexual?.** Anais III ENPEC, 2001.
- BARCELOS, N. N. S.; MORAES, V. R. A.; ROSENBERG, E. G.; et al. **Integrando Licenciaturas e Programa de Educação Afetivo Sexual - SEE (MG).** Anais V ENPEC, 2007.
- BARDI, J.; CAMPOS, L. M. L.; **Orientação Sexual nas Séries Iniciais do Ensino fundamental.** Anais V ENPEC, 2005.
- BERTOI, J. M.; FARIAS, M. E.; SILVA, J.; **Trabalhando na formação de professores com metodologia de oficinas lúdico-pedagógicas na prevenção à contaminação por DST's e uso indevido de drogas.** Anais V ENPEC, 2005.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais; pluralidade cultural e orientação sexual.** Brasília: MEC/SEF, 1997a.
- _____. **Parâmetros curriculares nacionais, apresentação dos temas transversais e ética.** Brasília: MEC/SEF, 1997b.
- _____. **Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais.** Brasília: MEC/SEF, 1998c.
- BRUSCHI, I. C.; KLEIN, T. A. S.; **Sexualidade e Adolescência Na Escola.** Anais IV ENPEC, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I. A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- FROTA, P. R. O.; **Ensino e Aprendizagem em Física: uma questão de gênero?** Anais V ENPEC, 2005.
- GARCIA, A. M.; ABREU, M. A. F.; **Investigando a Escola como ambiente para a prática da Orientação Sexual.** Anais IV ENPEC, 2003
- LOURO, G. L.; **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MAISTRO, V. I. A.; LORENCINI JUNIOR, A.; **Os limites das possibilidades de desenvolvimento de projetos de Orientação Sexual na Escola.** Anais V ENPEC, 2007.
- MANO, S.; GOUVEIA, F. C.; SCHALL, V. T.; **Análise de um multimídia sobre sexualidade na adolescência e seu potencial para a educação em saúde.** Anais V ENPEC, 2005.
- MATOS, S. O.; FREITAS, D. S.; **Problematizando representações sobre corporeidade através de oficinas pedagógicas.** Anais V ENPEC, 2005.
- SILVA, F. F.; SOARES, G. F.; RIBEIRO, P. R. C.; **(Re)pensando os corpos das mulheres em um contexto de ensinar e aprender.** Anais V ENPEC, 2005.
- SILVA, I. O.; SIQUEIRA, V. H. F.; ROCHA, G. W. F.; **Significados sobre o papel da Escola e do/a docente na abordagem de questões de sexualidade, gênero e gravidez na adolescência por docentes do curso de formação de professores: um estudo em escola da Baixada Fluminense, RJ.** Anais VI ENPEC, 2007.
- SILVA, M. P.; ROSA, M. I. P. S.; **Currículo e Sexualidade: Memórias na Formação de Professores.** Anais V ENPEC, 2007.
- SILVA, R. C. P.; NETO, J. M.; **Formação de professores para a abordagem da Educação sexual na Escola: O que mostram as pesquisas?** Anais V ENPEC, 2005.

SOARES, J. L.; **Dicionário etimológico e circunstanciado de Biologia**. 1. Ed. São Paulo: Scipione, 2005.